

FONTE : JB

CLASS. : 21

DATA : 29 11 87

PG. : 5

Funai multiplica mogno dos índios para a madeireira

José Rezende Jr.

BRASÍLIA — No curto espaço de um mês, os modestos 1.570,97 metros cúbicos de mogno que os índios aicanãs, da área indígena Tubarão-Latundê, em Rondônia, pretendiam vender para abrir 50 quilômetros de estrada e construir duas casas, transformaram-se, pelas mãos do presidente da Funai, Romero Jucá Filho, em 43 mil metros cúbicos, que seriam explorados pela Serraria Dias Ltda (Serdil). O contrato, assinado em Brasília por Jucá e Manoel Pereira Dias, sócio gerente da Serdil, em junho deste ano, acabou vetado pela própria administração regional da Funai em Vilhena e *amenizado* em julho para 26 mil metros cúbicos.

Os aicanãs reivindicavam da Funai, há mais de um ano, a construção da estrada interligando as aldeias Rio do Ouro e Latundê ao Posto Indígena Tubarão, para escoamento da produção do látex. Sem serem atendidos pela Funai, acabaram optando pela venda de madeira para concretizar a abertura da estrada. A Administração Regional de Vilhena elaborou então, entre abril e maio deste ano, através dos cálculos do seu engenheiro agrônomo Nemésio Moreira de Oliveira Júnior, um minucioso levantamento da quantidade de madeira que os índios necessitariam vender.

Acréscimos — O custo final da estrada, com cinco aterros, oito pontes e construção das duas casas seria, segundo esse levantamento, de CZ\$ 1 milhão 413 mil 870,00, a preços de março. Com o metro cúbico do mogno cotado, na época, a CZ\$ 900,00, o estudo concluía pela necessidade de se vender apenas 1.570,97 metros cúbicos. O anteprojeto foi encaminhado à 2ª Superintendência Regional da Funai, em Cuiabá, de onde seguiu para Brasília.

A Administração Regional de Vilhena foi surpreendida, no entanto, um mês depois, com o contrato de permuta, com validade de 72 meses, assinado pelo presidente da Funai com a Serdil. O acordo falava na construção de 80 quilômetros de estrada (e não mais 50, como pretendiam os índios), três casas (em vez de duas) e mais a construção de um posto de saúde e uma escola (não prevista no estudo original). Em troca desses pequenos acréscimos em relação ao anteprojeto da Administração Regional de Vilhena, Jucá propunha uma milagrosa multiplicação dos 1.570,93 metros cúbicos do mogno por quase 28 vezes (43 mil metros cúbicos).

Malária — O contrato acabou sendo refeito e ganhou números definitivos em julho. Ele prevê a construção de 85 quilômetros de estrada, com 10 pontes, e mais 40 quilômetros de estrada carroçável para as casas; construção de 20 casas pequenas e duas maiores, com parede e vigamento de madeira serrada, uma represa e uma enfermaria. Desta vez, o contrato, com duração reduzida para 30 meses, foi assinado em Cuiabá pelo ex-superintendente regional Eraldo Fernandes da Silva, recentemente afastado por Jucá em função das denúncias de irregularidades nos contratos com as madeireiras — mas promovido a assessor-especial do próprio Jucá, ocupando atualmente uma sala ao lado da presidência da Funai.

Mesmo *amenizado*, o contrato anual sofreu duras críticas de setores indigenistas da Administração Regional de Vilhena, que não chegaram a ser consultados sobre seus efeitos. A preocupação maior é com o fato de que em um único mês (entre outubro e novembro) foram registrados, na área de atuação das máquinas e dos funcionários da Serdil, vários casos de malária entre os índios. Segundo levantamento de exames laboratoriais realizados em Vilhena, 20% da população dos aicanãs (85 índios) contraíram a doença.